

In Formação

EDIÇÃO ESPECIAL

Boletim do Programa de Extensão Núcleo de Psicanálise da UFSM

03

Editorial

05

Notas (en)fim...

08

“Velar o corte que ali se produz” - nota sobre encerramentos na clínica em extensão

11

Psicanálise na universidade: reflexões acerca do tempo e infamiliaridade

13

São as paredes nossos limites?

15

O que faz pensar a presença da psicanálise nas universidades?

18

Aventuras, espaços e pontos de interrogação

20

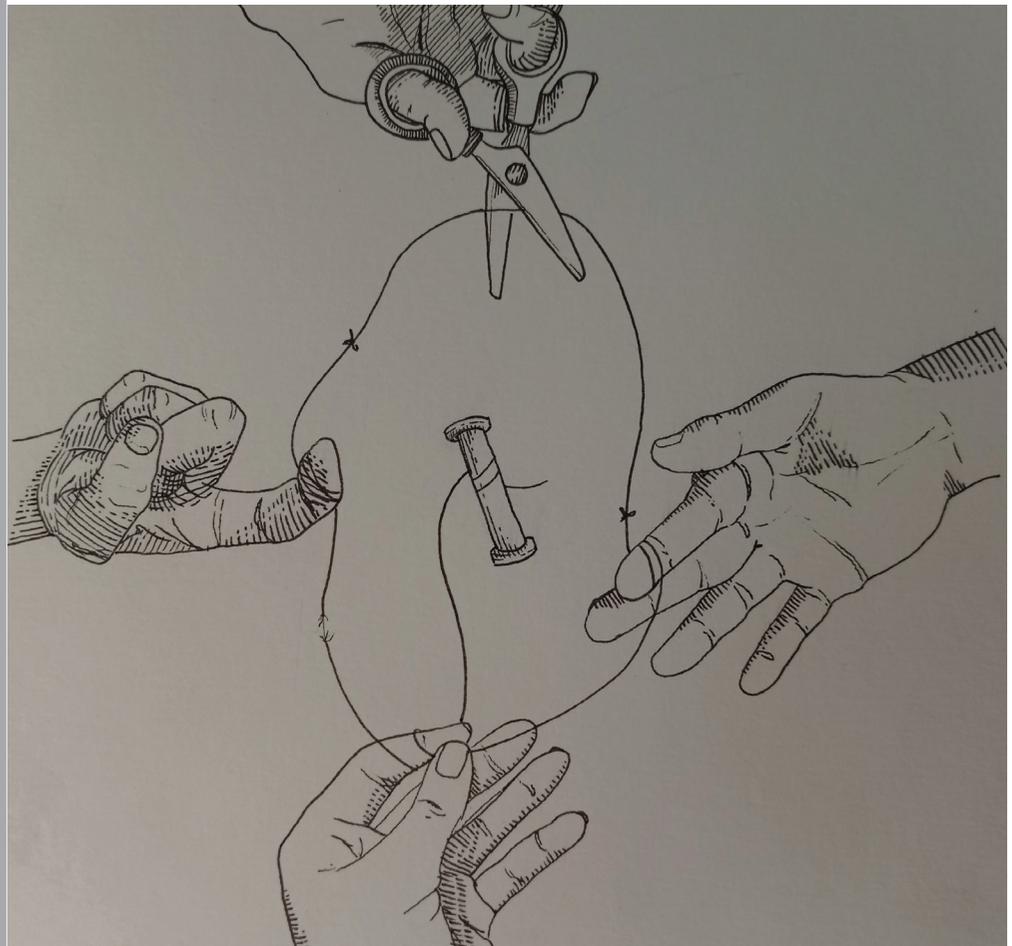
Entrevista com Luciano Mattuella (APPOA)

25

O que se faz com os restos que ficam?

26

Aconteceu em 2022



“Entre (desen)laços: escritas e inscrições da psicanálise na universidade”

APOIO: FIEIX, CURSO DE PSICOLOGIA, CCSH

Quem somos

**EQUIPE DO NÚCLEO
DE PSICANÁLISE EM 2022:**

**COORDENAÇÃO DO PROGRAMA DE
EXTENSÃO DO NÚCLEO DE PSICANÁLISE**
Aline Bedin Jordão

TÉCNICO ADMINISTRATIVO
Marlos da Fontoura Rodrigues

COMISSÃO EDITORIAL:

PSICÓLOGA
Aline Bedin Jordão

BOLSISTAS DO NÚCLEO DE PSICANÁLISE
Letícia Bueno Pires
Rafael De Mamann Nascimento

EXTENSIONISTAS
Ana Carolina Melo Tambara
Davi Augusto Trevizan Solha
Fabricio Meinerz Abdalla
Guilherme Domingues dos Santos Souza da Silva
Thales William Borges Lindenmeyer

DIAGRAMAÇÃO
Estevan Garcia Poll

IMAGEM DA CAPA:
“(Des)continuidade do laço”
Isabela Melo Appel

(In)Formação: Boletim do Programa de Extensão Núcleo de Psicanálise / Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Curso de Psicologia, Clínica de Estudos e Intervenções em Psicologia. – N. 17 (dez. 2022) – Santa Maria, 2022.

Semestral
N. 17 (2022), "Entre (desen)laços: escritas e inscrições da psicanálise na universidade"
Disponível em: <http://coral.ufsm.br/ceip/index.php/publicacoes>

1. Psicologia 2. Boletim 3. Clínica de Estudos e Intervenções em Psicologia (CEIP). 4. Centro de Ciências Sociais e Humanas (CCSH) 5. Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

Ficha catalográfica elaborada por Luciano Rapetti CRB-10/2031
Biblioteca Central da UFSM

CONTATO

NÚCLEO DE PSICANÁLISE
www.ufsm.br/projetos/extensao/nucleo-de-psicanalise/
E-mail: nucleodepsicanaliseceip@gmail.com
[@nucleodepsicanaliseufsm](https://www.facebook.com/nucleodepsicanaliseufsm)
www.facebook.com/nucleodepsicanaliseceipufsm

EDITORIAL

*Tudo passa e tudo fica
porém o nosso é passar,
passar fazendo caminhos...
caminhos sobre o mar.*

*Nunca persegui a glória
nem deixar na memória
dos homens minha canção
eu amo os mundos sutis
leves e gentis,
como bolhas de sabão [...]*

*Caminhante, são tuas pegadas
o caminho e nada mais;
caminhante, não há caminho,
se faz caminho ao andar.*

*Faz algum tempo neste lugar
onde hoje os bosques se vestem de espi-
nhos
se ouviu a voz de um poeta gritar
“Caminhante não há caminho,
se faz caminho ao andar”...*

Golpe a golpe, verso a verso...

(“Cantares”, de Antônio Machado).

Somos caminhantes de um percurso da psicanálise na Universidade. Ao andar, produzimos um “Núcleo”, integrado por importantes laços de trabalho, pautados por uma mesma ética: a da escuta do sujeito do desejo e a do investimento no tripé que sustenta a clínica que se ampara nos preceitos da psicanálise. Ainda que neste Núcleo os caminhos se produzam no um-a-um de cada experiência, e as travessias sejam sempre singulares, nas páginas desta última edição do Boletim (In)Formação exercitamos a ressonância das leituras e afetações de cada um de nós, trazendo reflexões sobre temas que remetem à (não) relação entre psicanálise e universidade.

As escritas produzem efeitos de inscrição. Ainda, dão notícias de um processo de luto. E, também, almejam produzir agradecimentos e reconhecimentos de uma tra-

vessia entrelaçada por muitos investimentos. Uma escrita com efeito de memória. Registros de uma história. Cartografia de um percurso que chega a um fim.

O escrito de Aline Bedin Jordão registra uma historicidade do Programa de Extensão e seus desdobramentos formativos, aludindo a noção de utopia como algo que sustentou essa condição estrangeira da psicanálise na universidade, produzindo deslocamentos em uma lógica discursiva, inaugurando espaços para invenções, criações, intervenções e resistências. Notas de um tempo de elaboração dos atravessamentos que envolvem um momento de concluir, findar. Na aposta de que os restos recolhidos pelos efeitos da transmissão não cessem de não se inscrever.

O escrito de Thales Lindenmeyer, “Velar o corte que ali se produz: notas sobre encerramentos”, coloca um acento na importância do corte e das interrupções como atos. Ao discorrer sobre conceitos como “saber”, “castração” e “angústia” - como “falta da falta” - produz uma leitura sensível acerca do que se passa na interface da psicanálise com as demandas institucionais de uma clínica-escola.

Ana Tambara e Guilherme Domingues tecem reflexões e desdobramentos acerca do tempo - diferenciando a concepção da lógica social-cultural neoliberal sobre o tempo, e a temporalidade própria à psicanálise, colocando-a em uma certa condição de estrangeiridade ou infamiliaridade no espaço acadêmico.

Fabício Meinerz Abdalla traz perguntas sobre as fronteiras/“paredes” traçadas pelo espaço determinado na relação psicanálise-instituição, produzindo uma reflexão sobre o conceito de resistência e sobre os exercícios de poder, abrindo espaços para movimentos de transformação e criação de novos deslocamentos possíveis, pautados pelo desejo de quem se ocupa com o estudo da psicanálise.

Davi Trevisan recupera conceitos fundamentais da psicanálise, como in-

consciente, pulsão e discussões sobre normalidades versus patologias, e os articula ao lugar do ensino e da transmissão da teoria e clínica na universidade. Tensiona o sofrimento psíquico no atual panorama neoliberal e posiciona a psicanálise como pólo de resistência e reflexão crítica no espaço acadêmico.

Ao dialogar com a literatura, Rafael De Mamann Nascimento convoca as aventuras do cavaleiro Dom Quixote de La Mancha, com suas “loucuras”, com as suas quebras de idealizações, com sua condição solitária, e com seus atos subversivos e inaugurais, para produzir costuras com as travessias vividas no Núcleo de Psicanálise. O questionamento político do lugar da psicanálise é trazido pelo acadêmico que está em busca de um certo anteparo ao se deparar com o fim de uma caminhada.

A entrevista realizada com o psicanalista Luciano Mattuella traz discussões precisas sobre o (não)lugar da psicanálise nas universidades, sobre a lógica de poder que comumente rege as instituições, que produz confusões entre lugares e discursos. Ao distinguir os discursos em questão na lógica institucional e as especificidades da ética da psicanálise, Mattuella aponta para as subversões que a psicanálise produz frente a ideais culturais e institucionais/acadêmicos.

O texto escrito por Letícia Bueno Pires “O que se faz com os restos que ficam?” testemunha uma elaboração dos “restos” de uma navegação que demandou muito investimento. Findar algo implica, também, recolocar uma outra aposta em caminhos formativos a partir do que a transmissão de uma ética possibilita.

Na seção do “Aconteceu em 2022”, fizemos alguns recortes das atividades desenvolvidas pelos projetos de extensão “Atendimento e Tratamento à Comunidade” e “Eventos Clínicos”, vinculados ao Programa de Extensão Núcleo de Psicanálise da CEIP. Além disso, registramos as

últimas atividades teórico-clínicas realizadas em formato de Seminário teórico, discussões de casos e promoção de eventos, em que contamos com a participação de profissionais convidados e de estudantes. Também compartilhamos o envolvimento dos bolsistas FLEX 2022 em apresentação de trabalhos acadêmicos, bem como a participação nas Jornadas Clínicas da APPOA.

Convidamos o leitor a lançar-se para além das palavras escritas e compartilhar a dimensão afetiva trazida a cada construção. Que o caminho que se faça ao andar sobre estas palavras convoque a refletir sobre o papel político que a psicanálise ocupa na universidade. Assim, desejamos que o leitor caminhe conosco por estes escritos, que agora asseguram e inscrevem memórias.

NOTAS (EN)FIM...

Aline Bedin Jordão¹

*Salvo os amorosos principiantes ou findos
Que querem principiar pelo fim,
Há tantas coisas que findam pelo princípio
Que o princípio principia a findar
Por estar no fim.*

(JAFFE, 2016).

Escrever sobre algo que estamos tão imersos e atravessados, não se dá sem angústia. Esse escrito teve idas e vindas, voltas e torções. Um(s) luto(s) em processo... Palavras-significantes que por vezes se tornaram difíceis de serem buscadas. Contornos a um real - sempre impossível. En (fim), algumas notas.

Findar um percurso de trabalho implica reconhecer, na e pela historicidade, todos os que direta ou indiretamente fizeram parte deste investimento. Certamente um “Núcleo” não ex(siste) sozinho. Por entre reuniões, e-mails, papéis compartilhados, eventos, seminários, supervisões, discussões de casos clínicos, atendimentos, confecção dos boletins, etc... O Núcleo de Psicanálise inscreveu-se com e por tantas pessoas.

A proposta de trabalhar com a transmissão da psicanálise no âmbito de um curso de Psicologia, por si só, é uma tarefa desafiadora e permeada por limites e bordas que não são simples de serem contornadas. Desde Freud, sabemos que o que se passa na intersecção Psicanálise-Universidade é de uma complexidade marcante. Uma das tarefas ditas ‘impossíveis’. As concepções acerca dos discursos, amparadas em Lacan, fornecem ainda mais subsídios para afirmar tal complexidade. As tensões e paradoxos entre o discurso universitário e o discurso analítico, no que diz respeito ao lugar ocupado pelo saber,

¹ Aline Bedin Jordão. Psicóloga da UFSM. Coordenadora do Programa de Extensão “Núcleo de Psicanálise”. Mestre em Psicologia Clínica. Doutora em Estudos Linguísticos. E-mail: alinebjor@gmail.com

indicam tal desafio. Ainda assim, a aposta pela construção e desdobramentos de um Núcleo de Psicanálise constitui-se na direção de fazer circular novos significantes no âmbito universitário, promovendo a inclusão do sujeito de desejo na produção de saber na universidade.

Diante deste momento de encerramentos dos trabalhos vinculados ao Núcleo, amparo-me nas formulações do colega Edson de Souza para refletir sobre o que se produziu ao longo dessas construções - algo da ordem da utopia:

“Podemos pensar a utopia como a introdução de um estrangeiro que nos permite lançar um olhar diferente para a paisagem que temos diante dos olhos. A utopia vem, portanto, se opôr a tendência à repetição. Ela vem romper com a paixão da analogia ao propor um não lugar. A forma utópica, fundamentalmente, num primeiro momento, coloca em cena, um não ao presente. A utopia introduz a categoria do possível e por isso faz fratura na história” (SOUSA, 2011, p. 2).

O movimento de constituição de um Núcleo de Psicanálise foi desta ordem, de sustentação de um não lugar, de um espaço do “entre”... entre as demandas universitárias impostas por burocratizações do saber, calendários numéricos, solicitações de produtos e resultados, em uma visada pela eficiência dita científica... e o que se produz de mais singular em cada ato, em cada escuta, em cada espectro de movimentos de resistências. Um Núcleo estranhamente familiar, que abriu tempos e espaços para criações, invenções, ações.

“Se torna cada vez mais necessária uma utopia, que cumpra a função de despertar e que possa combater as múltiplas faces da violência a qual estamos confrontados: a violência do dogmatismo, a violência da hegemonia das formas do senso comum que impedem o aparecimento do novo, anestesiando as singularidades, a violência

das discussões políticas vazias de atitudes” (SOUSA, 2011, p. 6).

Atos de criação, utopias, re-existências, resistências... A partir dos laços de trabalho constituídos, produziu-se um trabalho de quase duas décadas, cujos “restos” só teremos como realmente ter notícias a posteriori. Pautados pela ética da psicanálise, e desejan-tes de movimentar algo da ordem da transmissão, acreditamos que produzimos deslocamentos e produzimos alguns questionamentos no que se refere ao lugar da escuta clínica na universidade, propondo um olhar para além ou aquém dos parâmetros classificatórios e formatadores dos sujeitos.

“Na saliência de que psicanálise não se ensina, a função sobre a qual foi proposto o Núcleo de Psicanálise da CEIP sustenta-se no encontro com o saber em falta. Assim, não se trata de apreender a teoria, como explícito nos imperativos acadêmicos contemporâneos, frutos da lógica da produção, mas do efeito da transmissão da psicanálise no sujeito, que opera no a posteriori da escuta clínica, o que implica uma mudança de posição subjetiva diante do saber.” (Prefácio das organizadoras no e-book produzido com os psicanalistas parceiros do Núcleo de Psicanálise - “Extensões da Clínica Psicanalítica na Universidade - Da escuta à escrita” - no prelo)

Resta o desejo de que algo da transmissão tenha se produzido, marcando para alguns um início de formação sob as insígnias da não-completude, do não-todo, construindo balizas na direção da ética da escuta e do olhar ao (O)outro.

“Aquele que recebe uma transmissão deve se responsabilizar pelo que é feito dela. Essa responsabilização implica a apropriação dessa herança, marcando nela algo que é próprio de quem a recebe. Quem transmite deve abdicar da propriedade sobre o objeto transmitido, e quem recebe deve poder ope-

rar uma torção sobre o que lhe foi transmitido. O trabalho de perda que se inscreve na relação produz efeitos nos dois: naquele que transmite ao outro, que deixa seu legado, e naquele que rompe os laços com o Outro, que deve poder estabelecer um lugar singular para si” (COSTA, 2014, p. 499).

Que algo da perda se inscreva nas apropriações singulares de cada um que fez parte desta travessia. Ao apoiar-se nas concepções do tempo lógico propostas por Lacan, chegou o momento de concluir. Talvez, se fôssemos nos basear no tempo cronológico, já poderíamos (e quem sabe deveríamos?) ter findado bem anteriormente. Porém, a escolha foi por darmos mais espaços e tempos para compreender, para re-existir. Uma escolha pautada pelo desejo de escuta. Pelo desejo de operar na e pela transmissão. Pelo desejo de manter vivo o discurso e a ética analítica em um tempo em que imperam lógicas de dessubjetivação e de totalização do saber (e do poder). Este tempo, deste programa de extensão, com a proposta que sempre o sustentou, se esgotou. O memorial produzido por eventos clínicos, boletins da clínica, por testemunhos de colegas e pelas ressonâncias clínicas em inúmeros sujeitos acolhidos em situação de sofrimento psíquico, irão encarregar-se de preservar e contar essa história.

Minha maior intenção, neste fim, é agradecer:

Ao Luís Fernando Lofrano de Oliveira, pilar inicial das propostas do Núcleo de Psicanálise, pela posição ética e pelos investimentos que assumiu na sustentação das ações deste programa.

Às colegas Amanda Schreiner Pereira e Gabriela Oliveira Guerra, pelos tantos anos de trocas e co-coordenações de muitos trabalhos, sempre pautados por construções conjuntas e permeadas pelo desejo em comum de investir e sustentar ações formativas na universidade.

Ao colega Marlos da Fontoura Rodrigues, pelo apoio administrativo prestado ao longo de toda a jornada, em cada gesto cuidadoso e atento no cotidiano de trabalho na CEIP.

Aos estagiários e extensionistas que tiveram suas primeiras experiências clínicas conosco, e que nos convocaram a revisar a teoria, a clínica, o lugar da transmissão, e nos ajudaram ano a ano a (re)construir as propostas de trabalho. Neste último tempo de existência do Núcleo, em especial aos extensionistas integrantes do Projeto de Atendimento e Tratamento à Comunidade², que seguraram a aposta na continuidade das ações, em tempos bastante delicados e difíceis institucionalmente.

Aos muitos profissionais colaboradores que se emprestaram para as ações formativas e clínicas propostas - jornadas, encontros clínicos, notas clínicas, cursos de extensão, seminários teóricos, discussões de casos clínicos, entrevistas e artigos no boletim do Núcleo... Pelos deslocamentos aos quais prontamente se dispuseram, em nome das transferências de trabalho construídas ao longo destes anos.

Aos bolsistas que passaram pelo Núcleo, pela pró-atividade e investimentos nas ações, pelas produções de trabalhos acadêmicos e suportes ofertados em todo o percurso do Programa. Ainda em tempos muito incipientes da graduação, mostraram-se enormemente responsáveis e implicados em um trabalho ético e de muita qualidade.

Aos pacientes atendidos pelo Núcleo, que se permitem e nos permitem escutar o insabido.

O fim é sempre um tanto quanto solitário. Requer um luto. A proposta desta edição do boletim empresta-se a dar um “corpo de letras” ao que estamos atravessando e vivenciando. Um ato político. Uma escrita que clama por inscrição. Registros que possibilitam dar voz e dar nomes ao que nos interpela. Na certeza de que diante dessa travessia por vezes turbulenta e desnorteadora, “nessa água que não pára, de longas beiras: e, eu, rio abaixo, rio a fora, rio a dentro — o rio...”, o

² Aqui, gostaria de nomear: Thales William Borges Lindenmeyer, Hallana Höher Bohrer, Diego Alves Lemos, Juliane Nascimento Loreto, Letícia Bueno Pires, Rafael De Mamann Nascimento e Ana Carolina Tambara. Muito obrigada!

recomeço, a recriação de cada margem e a transformação do destino em novos portos e caminhos estão por vir. Na aposta de que os restos recolhidos pelos efeitos da transmissão do Núcleo de Psicanálise não cessem de não se inscrever. En(fim).

“E assim, para o começador esperançoso, é como se tudo sempre fosse um novo começo, cada nova palavra, cada momento da história [...] Aventurar-se no nada, cortar-lhe o desejo de se estender por todos os cantos, até que tudo se cubra de vazio [...] Romper a indolência do silêncio que quer cobrir o mundo de inação e impor a ele um som, um gesto, uma forma” (JAFFE, 2016).

REFERÊNCIAS

- COSTA, André. Os tempos da transmissão segundo a lógica de Lacan. Revista Estilos da Clínica, vol. 19, n. 3, 2014. Disponível em: <<https://submission-pepsic.scielo.br/index.php/estic/article/view/9648>>. Acesso em 12 de setembro de 2022.
- FREUD, Sigmund. Sobre o ensino da psicanálise nas universidades. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- JAFFE, Noemi. O livro dos começos. Editora SESI-SP, 2016.
- SOUSA, Edson Luiz André de. “Por Uma Cultura da Utopia”, E-topia: Revista Eletrônica de Estudos sobre a Utopia, n.º 12 (2011). ISSN 1645-958X. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id05id164&>>. Acesso em 12 de setembro de 2022.
- LACAN, Jacques. (1998a). O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada: um novo sofisma. In J. Lacan, Escritos (V. Ribeiro, trad., pp. 197- 213). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1945).
- LACAN, Jacques. O seminário, Livro 17: O avesso da psicanálise (1969 - 1970). Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

“VELAR O CORTE QUE ALI SE PRODUZ” - NOTA SOBRE ENCERRAMENTOS NA CLÍNICA EM EXTENSÃO

Thales Borges Lindenmeyer³

O momento em que se encontra o Núcleo de Psicanálise suscita as mais variadas reações dos sujeitos por ele atravessados, sejam estagiários, extensionistas, profissionais ou pacientes. Em uma primeira visada, o silêncio e a hesitação parecem se apresentar diante da incapacidade de compreender o que se passou. Se formos espirituosos e nos permitirmos brincar com o próprio referencial teórico que sustentou esses mais de vinte anos de história do Núcleo, diríamos que atravessamos o *tempo de compreender*. Tomado por essa espiritualidade, me ocorreu trazer questões de outro tempo, o *momento de concluir* (Lacan, 1945/1998), especialmente no que concerne a leitura de que se trata de uma *asserção de certeza antecipada* e tem algo do *ato psicanalítico* do corte (QUINET, 1991).

Para esta proposta, trago uma vinheta clínica, construída em tom ficcional, em que algo próximo de um ato parece ter ocorrido. Tenho como objetivo pensar brevemente, desde a posição de psicólogo extensionista, a função da técnica clínica do encerramento, seja ele da sessão, do tratamento ou das atividades de um grupo eticamente implicado com a psicanálise em uma universidade. Tal movimento se faz com a advertência de que clínica, cultura e instituição, em alguma medida, se tocam, mas até certo ponto. Escrevo a partir da ressalva de um escrever claudicante, experimental, errante.

Maria, jovem adulta, universitária, inscreveu-se para os atendimentos no Núcleo de Psicanálise. Descreveu sua de-

manda como a necessidade de falar sobre a vivência traumática advinda dos assim chamados *abusos psicológicos* cometidos por sua mãe. Como sintomas, ela relatou a presença de ataques de pânico e terror noturno. No transcorrer dos encontros, Maria mostrou-se intensamente silenciosa, colocando em questão uma postura mais ativa por parte de quem a escutava. Parecia solicitar condução. A primeira hipótese construída foi a de que se tratava do tema do desamparo e que, na condição de clínico, fazia-se necessária uma presença, uma sustentação do silêncio, da continuidade de um espaço de acolhimento. Influenciado por essa hipótese, ao situar o fim do estágio, pontuei a possibilidade de seguirmos pela via da extensão e, posteriormente, com os atendimentos na clínica privada pela via do atendimento social.

Feita a passagem para o privado, mas ainda com os restos transferenciais da relação institucional com o Núcleo, Maria produziu um deslocamento em suas queixas. Surgiu o tema da procrastinação, apontando para a angústia ao se deparar com o desejo de produzir mais. Ela sinalizou um pedido para que eu tratasse de consertá-la de sua procrastinação, ao passo que eu recusava essa possibilidade, recuperando tanto a regra da associação livre quanto a orientação ética de que não trabalho com a adaptação de sujeitos ao mundo do trabalho. Diante disso, ocorreu um movimento bastante inesperado: Maria conta que está sendo atendida por outro psicólogo e que gostaria de remarcar os horários para manter a consulta com os dois clínicos. Eu recuso a possibilidade e enfatizo que seria crucial ela fazer uma escolha. Ela faz: escolhe pelo outro psicólogo. Meses mais tarde, Maria retoma o contato comigo solicitando o retorno para os atendimentos. Faz isso antecipando o valor das consultas: mais do que o dobro do que pagava antes. No momento sem saber muito bem o porquê, eu prontamente recuso, comunicando que estava com a agenda fechada.

³ Psicólogo graduado pela UFSM. Extensionista no Núcleo de Psicanálise - CEIP/UFSM. Mestrando em Psicologia Social e Institucional na UFRGS. Email: thales.lindenmeyer@gmail.com

Debruçando-me sobre o ocorrido no caso, abriu-se a possibilidade de pensar que se houvesse desejo de escuta, eu poderia produzir um horário. Todavia, houve o desejo de manter a interrupção como um suposto ato, de sustentar o encerramento e as consequências da escolha. Partindo disso, pretendo atravessar brevemente algumas questões sobre saber, castração e corte.

Levando em conta que esse foi um caso encaminhado do estágio em uma clínica-escola, penso que temos aí uma série de intersecções teórico-clínicas que nos convocam ao pensamento. A construção das possibilidades de encaminhamento foram apresentadas gradualmente com a paciente, elencando diversos caminhos: passar para outro profissional de clínica privada; ser atendida por outro estagiário; seguir sendo atendida por mim em clínica privada. Quanto a relação entre clínica-escola e encaminhamentos, Darriba (2011, p. 304-305) situa que

A possibilidade do paciente — após a saída do estagiário da instituição pelo término do estágio — continuar a ser atendido por outro estagiário na instituição, ou fora dela por aquele que já o atendia, é tomada muitas vezes no sentido de velar o corte que ali se produz. [...] É desta dimensão da castração que o estagiário tenta se desviar quando busca, por exemplo, no caso em que se trata de um paciente cujas sessões giram em torno do tema do abandono, amenizar os efeitos de sua saída. O estagiário tentar fugir à posição do abandonador é fazer supor que ele poderia poupar o paciente da questão do abandono. Que abandonar ou não abandonar, fazer o paciente sentir-se abandonado ou não, seria uma escolha que ele tem, o que justamente configuraria, do lado do analista, a não incidência da castração. Não, o estagiário não tem como evitar o abandono, se ali este é o nome da falta. E se isso não tem a ver com uma impotência, derivada da insuficiência do seu saber até ali, mas com o impossível do saber, tem-se aí causa para o trabalho.

Darriba (2011) também sinaliza que o trato com a castração do lado do analista tem que ver com o transcorrer de sua análise pessoal, na medida em que suas questões desloquem da angústia ao deparar-se com sua falta, em direção ao questionamento ético do que fazer ao saber que ao outro também falta. Talvez essa seja uma pista para a construção de considerações acerca da vinheta aqui trabalhada, na medida em que o ato da recusa do retorno e a sustentação do encerramento não seriam possíveis desde a posição de estagiário (sobretudo se este não fizesse análise pessoal), mas sim da posição de extensionista que fez a passagem de um paciente para a clínica privada. Se desde o lugar de estagiário velamos o corte porque o saber universitário nos convoca a este lugar do discurso científico de tamponamento da castração, de não querer saber sobre o sujeito, porque o saber nesse discurso surge para socorrer o sujeito dividido com a fantasia de que um dia saberemos tudo (Quinet, 1991), as condições de possibilidade de emergência de outro espectro de intervenções surgem desde o lugar de extensionista. Com a vinheta clínica, podemos ter algumas pistas da sustentação de uma ética em que outros problemas estão colocados: o corte a ser feito marca o não-todo constitutivo de uma clínica que conta com a psicanálise e que não está tão tributária às demandas institucionais de uma graduação.

Ainda acompanhando o fio condutor do tema da incidência da castração no lado do analista, faz-se necessária a insistência na distinção entre impotência e impossibilidade no campo do saber. Encontramos essa discussão no vasto campo de produções sobre a relação entre universidade e psicanálise, em especial no texto “Função e campo da palavra e da linguagem” (LACAN, 1953/1998) que, na leitura de Quinet (1991), é um texto que inaugura as elaborações lacanianas sobre as relações com o saber constituírem uma subjetividade. Contudo, para a proposta deste escrito

nos interessa outra ponta desse fio, indo em direção a leitura da castração como um dos três tempos da falta, este marcado pelo falo, pela insígnia da falta e sumarizado pelo enunciado “ao outro também falta” como a entrada na dimensão simbólica das trocas na cultura. Quanto à falta e sua relação com o aterrorizante, Freud (1919/2019, p. 75) escreve que “muitas pessoas atribuiriam a ideia de alguém ser enterrado ainda vivo a expressão maior da infamiliaridade. Mas a psicanálise nos ensinou que essa fantasia assustadora era apenas a transformação de uma outra que, originalmente, nada tinha de aterrorizante, mas era portadora de fato de uma certa lascívia: a fantasia de viver no ventre materno”. Lacan (1962-63/2005, p. 64) parece sustentar a provocação, indo em direção a angústia como falta da falta:

Vocês não sabem que não é a nostalgia do seio materno que gera a angústia, mas a iminência dele? O que provoca a angústia é tudo aquilo que nos anuncia, que nos permite entrever que voltaremos ao colo. Não é, ao contrário do que se diz, o ritmo nem a alternância da presença-ausência da mãe. A prova disso é que a criança se compraz em renovar esse jogo de presença-ausência. A possibilidade da ausência, eis a segurança da presença. O que há de mais angustiante para a criança é, justamente, quando a relação descontinuidade de colocar em evidência que com o trabalho com a clínica não é incondicional. Existem condições que nem sempre são possíveis, e o encerramento acaba se presentificando como um ato. Com a base na qual essa possibilidade se institui, pela falta que a transforma em desejo, é perturbada, e ela fica perturbada ao máximo quando não há possibilidade de falta, quando a mãe está o tempo todo nas costas dela, especialmente a lhe limpar a bunda, modelo da demanda, da demanda que não pode falhar.

Esta confusão entre angústia como falta ou falta da falta é promissora para o exercício argumentativo que aqui pretendemos. Em primeiro lugar, porque no

campo discursivo das práticas psicoterapêuticas e em saúde mental, a palavra acolhimento por vezes é flexionada de tal modo a sugerir que caberia ao clínico um cuidado que se confunde com empatia e amor. Os riscos de tal visada são inúmeros, e altamente infrutíferos para uma clínica que conta com a psicanálise. Se tomarmos o acolhimento por essa via para fazer a leitura da vinheta, seria possível considerarmos a conduta como uma impostura. Todavia, se o referencial for as considerações teóricas sobre demanda, falta e corte, podemos recolher os efeitos dessa intervenção e seguir sustentando perguntas sobre as possibilidades de um ato na interface com uma clínica-escola.

Em segundo lugar, o tema da falta da falta também dá a dizer sobre o impasse que atravessa o momento do Núcleo de Psicanálise. Um dos enunciados que pude testemunhar enquanto estudante que participou dos debates entre turmas da reforma curricular do curso de Psicologia da UFSM em 2018 era o seguinte: “a gente precisa ter todas as abordagens na clínica-escola”. Como seria um curso e uma clínica-escola que desse conta de tudo, em que nada faltasse? Quando penso nas possibilidades de resposta, recorro ao conto *O Imortal*, de Jorge Luis Borges (1949/2008). Após beberem das águas de um rio que os torna imortais e, portanto, com todo o tempo do mundo disponível para fazer todas as coisas, o destino dos corpos é a inércia, a paralisia, a eternidade como uma terrível condenação.

REFERÊNCIAS

- BORGES, Jorge Luis. “O imortal”. In: BORGES, Jorge Luis. *O Aleph*. Tradução de Davi Arriguucci Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 1949/2008.
- DARRIBA, Vinicius Anciães. O lugar do saber na psicanálise e na universidade e seus efeitos na

experiência do estágio nas clínicas-escola. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica* [online]. 2011, v. 14, n. 2 [Acessado 12 Outubro 2022], pp. 293-306. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1516-14982011000200009>>.

- FREUD, Sigmund. *O Infamiliar / Das Unheimliche*. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 1919/2019.
- LACAN, Jacques. *O Seminário livro 10, A angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1962-63/2005.
- LACAN, Jacques. O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada. in: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1945/1998.
- LACAN, Jacques. Função e campo da palavra e da linguagem, in: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1953/1998.
- QUINET, Antonio. *As 4+1 condições da análise*. 13. reimpr. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

PSICANÁLISE NA UNIVERSIDADE: REFLEXÕES ACERCA DO TEMPO E INFAMILIARIDADE

Ana Carolina M. Tambara⁴
Guilherme Domingues⁵

A prática da escuta clínica ocorre numa certa relação com o tempo e o espaço através da fala de cada sujeito. Na forma singular com que cada pessoa ocupa o tempo da sessão, no ritmo e cadência da fala, na velocidade do modo de enunciar as palavras. Um trabalho que conta com a psicanálise aposta no tempo, na emergência do sujeito do inconsciente na relação transferencial, considerando que a resistência do analista em formação também participa e interfere na duração do tratamento.

Entre diferentes tempos, a psicanálise no espaço acadêmico é de certa forma estrangeira. Como quem chega num outro momento, com seu próprio ritmo, ética e estilo. Desse modo, Dunker (1996, p. 54) coloca a psicanálise “Enquanto projeto atento às vicissitudes do falante singularizado, a ética da psicanálise é anti-universalista e anti-normativa”.

O contexto universitário contemporâneo reflete os modos de relação social hegemônicos no capitalismo, onde opera uma certa racionalidade quantitativa que determina o ritmo e velocidade de trabalho de estudantes e funcionários. Tal contexto favorece determinadas epistemologias e modos de produção de conhecimento, numa lógica de eficiência bastante oposta aos princípios da psicanálise.

Não se aprende Psicanálise. Uma Psicanálise é justamente a experiência do encontro com o saber em falta. Mesmo diante do legado deixado na obra freudiana, não se trata de apreender a teoria, como explícito nos

⁴ Acadêmica do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: anatambara@gmail.com

⁵ Psicólogo graduado pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: guigarapaz@gmail.com

imperativos acadêmicos contemporâneos: quanto mais se lê e se estuda, mais se sabe; frutos da lógica da produção. Trata-se do efeito da transmissão da Psicanálise no sujeito – esteja ele na condição de aluno, de professor ou de psicanalista. (PEREIRA, 2018, p. 28)

A atuação clínica da psicanálise em relação ao tempo mostra-se contrária à lógica de produtividade e progresso próprias à contemporaneidade. Trata-se de agir visando um acontecimento, que foge do cálculo e racionalidade antecipatória comuns à neurose.

“Para os retóricos gregos tratava-se de encontrar o kayrós, o instante em que a palavra extraía o máximo de efeito. O kayrós pertence a uma temporalidade que não é nem a da sucessão, nem a da simultaneidade, mas a do acontecimento. A busca desse acontecimento de linguagem é o que permeia a tática de interpretação.” (DUNKER, 1996, p. 36)

A psicanálise em meio a um universo neoliberal age como uma subversão à ordem colocada na atualidade. A universidade reflete em sua estrutura esse local de desigualdades e ênfase no capital e as modificações estruturais advindas desse contexto (SAFATLE et al, 2021). O entorno psicanalítico presente em nosso centro universitário coaduna com uma forma de resistência a essas modificações contemporâneas, colocando-se em um local estrangeiro.

Destarte, a estrangeiridade permeia um lugar de grandes feitos, invisibilizados por vontades superiores, as quais diminuem e tentam sufocar um movimento antigo, porém emergente e essencial em um entorno crítico como o meio acadêmico. Dessa maneira, o infamiliar emerge dessa estrangeiridade, trazendo uma sensação de não pertencimento. Portanto, “[...] esse infamiliar nada tem de realmente novo ou estranho, mas é algo íntimo à vida aními-

ca desde muito tempo e que foi afastado pelo processo de recalçamento” (FREUD, 1919a/2019, p. 85) esta formulação de Freud situa o movimento daquilo que é visto, mas, ao mesmo tempo, evita-se.

Essa infamiliaridade da psicanálise na atual conjuntura da Clínica Estudos e Intervenções em Psicologia (CEIP) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), reflete-se em mudanças recentes, as quais provocaram efeitos marcantes nos sujeitos alinhados e familiarizados com a prática psicanalítica. Nesta instância, ocorreram questionamentos acerca de sua permanência na clínica em conflito com outras formas de fazer psicologia, colocado com maestria por Rosa (2001, p. 7):

No embate da Psicanálise com outras abordagens deve ser evidenciado que a Psicanálise não enfatiza ou prioriza a teoria por si só, mas integra teoria, prática e pesquisa. O psicanalista não aplica teorias, não é o especialista da interpretação, nem mesmo da fantasia, posto que não é só aí que o inconsciente se manifesta; o psicanalista deve estar a serviço da questão que se apresenta. Dialogar, inserir-se no campo da Psicologia, não significa tomar a forma desse campo, mas, se necessário, dar-lhe uma nova forma.

Nessa lógica, o lugar psicanalítico existe e resiste em um momento de tentativas de infamiliarizar um familiar, relevante e essencial para o fazer da psicologia em uma universidade pública, visto que, apenas existem benefícios ao introduzir o saber da psicanálise nesse meio devido a possibilidade de complementar os estudos já existentes (FREUD, 1919b/2010).

O tempo e a infamiliaridade, entrelaçam-se no nosso fazer psicológico e na nossa universidade. Que esse estrangeiro que nos caracteriza, nos faça questionar, criticar e ampliar o nosso lugar, independentemente da forma que ele tome, mantendo vivo esse saber psicanalítico.

REFERÊNCIAS

- DUNKER, Christian. Lacan e a clínica da interpretação. São Paulo: Hacker/Cespuc, 1996.
- FREUD, Sigmund. O infamiliar / Das Unheimliche. In: FREUD, Sigmund. O infamiliar / Das Unheimliche seguido de O Homem da Areia. Trad. Ernani Chaves, Pedro H. Tavares e Romero Freitas. Belo Horizonte: Autêntica. 2019 (1919a).
- FREUD, Sigmund. Deve-se ensinar a psicanálise nas universidades? In: FREUD, Sigmund. Obras Completas, v.13, História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”), Além do princípio do prazer e outros textos [1917-1920]. Trad. Paulo César de Souza São Paulo: Companhia das Letras, 2010 (1919b).
- PEREIRA, Amanda . Ensina-se psicanálise na universidade? Correio APPOA. Porto Alegre: Associação Psicanalítica de Porto Alegre, n. 282, 2018.
- ROSA, Miriam Debieux. Psicanálise na universidade: considerações sobre o ensino de psicanálise nos cursos de psicologia. Psicologia USP, São Paulo, v. 12, n. 2, 2001.
- SAFATLE, Vladimir.; JUNIOR, Nelson da Silva.; DUNKER, Christian. Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

SÃO AS PAREDES
NOSSOS LIMITES?

*Fabrizio Meinerz Abdalla*⁶

Quais as condições de “temperatura e pressão”, pelas quais a psicanálise é afetada ao ter seu exercício clínico inserido no espaços institucionais de uma universidade pública?

Essa foi a pergunta norteadora que guiou o processo de escrita da experiência de estágio básico no Núcleo de Psicanálise. Mesmo que não estivesse ali, no dentro da clínica, tudo aquilo que passava fora dizia respeito às fronteiras traçadas pelo espaço determinado na relação psicanálise-instituição. É a partir desse entremeio que acredito que a experiência de estágio se situou, e a partir do qual escrevo. Nesse espaço singular, em que as posições de graduando e de observador passaram a ser submetidas por atravessamentos dos poderes que demarcam a circulação possível, ou não possível, da psicanálise no contexto acadêmico institucional.

A partir desse panorama, questionamentos e percepções continuam a se constituir, tomando como dado que é interessante à psicanálise, ao constituir-se como prática clínica exercida sob as delimitações - materiais e simbólicas - de uma universidade, perguntar-se sobre o que é aquilo que se passa fora das paredes de seu espaço, e como isso reverbera no dentro. Mas, como abarcar essas duas dimensões sobre um mesmo aspecto, sem incorrer em inflexões que descaracterizem as diferenças de tais localizações?

É sabido que Freud, no começo de sua obra, recorreu ao conceito de resistência ao perceber que havia um dificultador no processo de acesso ao inconsciente. Mas não só: Freud também utiliza o conceito de resistência em outro âmbito - para designar um certo fenômeno social de estranhamento

⁶ Acadêmico de Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: fabriciom.abdalla@gmail.com

causado pelo conteúdo e pelos métodos psicanalíticos (LAPLANCHE E PONTALIS, 1991). Vê-se aqui, um conceito amplo que, referido a determinado objeto/espço, assume diferentes significados de enunciação, como uma contraprodução frente aos poderes diversos, definido por transitar no entremeio.

A resistência, em cada um dos espaços, está situada na disputa por uma geografia específica, onde tece planos no sentido de contraocupar posições. Em um dos espaços, a clínica, definida pelos jogos de poder que a conformam, no contexto institucional, se complexifica. Lacan, em uma passagem dos Escritos intitulada “a direção do tratamento e os princípios de seu poder”, inscreve a proposição de que a resistência em análise parte sempre do analista, proposição essa que, em relevar ao analista as resistências advindas, modifica o jogo de poder instaurado pela transferência. (LACAN, 1958/1998)

Nesse sentido, referindo-se ao espaço tratado, não seria produtor, questionar-se em certa medida, para além do que se passa entre as duas cadeiras analista-analisando, em identificar, o que as paredes da instituição tem a mobilizar no ambiente da clínica? Ou, a instituição aqui, senta junto nas cadeiras da análise?

Esses são questionamentos que, ao serem lançados, não se encerram por aqui, mas devem dar espaço para transitar agora em um novo lugar. Em outro âmbito, onde a psicanálise não é cristalizada pelas resistências, e sim onde ela mesma é produtora de uma resistência de outra ordem, propriamente transformativa.

Agora, flutuando entre essas localidades, ressalva-se que conceito de resistência não é único nem exclusivo da psicanálise, e compreender a abrangência desse termo requer também perpassar por outros referenciais teóricos. Em vista disso, busca-se instigar alternativas de caminhos possíveis através da interpretação foucaultiana a respeito da resistência.

Resistir é, neste aspecto, o oposto de reagir. Quando reagimos damos a resposta àquilo que o poder quer de nós; mas quando resistimos criamos possibilidades de existência a partir de composições de forças inéditas. Resistir é, neste aspecto, sinônimo de criar. (MACIEL, 2014).

Portanto, percebe-se aqui outra dimensão do conceito de resistência, que nos ajuda a organizar nossas práticas e saberes, principalmente nos momentos de asseveração das violências produzidas pelo poder. Cabe agora, utilizar-se das resistências não como barricadas ou paredes que entram nossos processos, mas como força de diferenciação que nos lança a um múltiplo campo de ação. Em que frente a um poder marcado por violências e excessos sistematizados, as forças insurgentes da resistência capilarizam-se para propiciar espaços de transição possível. Assim, frente a destituição dos pontos de referência, vê-se aqui o fim programado do Núcleo de Psicanálise, em que as práticas não se desvanecem, mas se atrelam a redes de cumplicidade com uma potência criativa.

Estes escritos são o atestado disso.

REFERÊNCIAS

- LACAN, Jacques. Escritos. 1. ed. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 1958/1998. p. 601.
- LAPLANCHE, Jean.; PONTALIS, Jean-Bertrand. Vocabulário de psicanálise. 11.ed. Santos: Martins Fontes, 1991.
- MACIEL JR, Auterives. Resistência e prática de si em Foucault. Trivium, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 01-08, jun. 2014. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-48912014000100002&lng=pt&nr_m=iso>. Acesso em: 20 jul. 2022.

O QUE FAZ PENSAR A PRESENÇA DA PSICANÁLISE NAS UNIVERSIDADES?

*Davi Augusto Trevizan Solha*⁷

Na atualidade, vemos que as disciplinas de psicanálise estão presentes na grade curricular de boa parte dos cursos de graduação em psicologia. Se essa presença é quase uma unanimidade é porque se considera a existência de algo crucial para a formação de futuros psicólogos. Longe de poder esgotar tudo o que a psicanálise tem a nos oferecer, este texto pretende elencar algumas das reflexões que obtemos com essa teoria, ou melhor dizendo, um pouco da transmissão e dos ensinamentos éticos presentes, situando o seu lugar nas graduações dos Cursos de Psicologia.

Geralmente, as disciplinas psicanalíticas iniciam seu percurso por meio de uma das ideias mais subversivas propostas por Freud, a saber, a noção de inconsciente. Somos então levados pelo pensamento freudiano para a noção de que a consciência é apenas uma parte do aparelho psíquico, e esta nem é a mais importante (FREUD, 2021/1912). O que está em jogo aqui é que este postulado não só contradiz o pensamento de uma longa tradição filosófica ocidental, mas também mexe em nossas feridas narcísicas, porque percebemos que a nossa sensação de controle é apenas uma ilusão. Além disso, ao estudar o inconsciente, percebemos que o não entendimento faz parte do jogo e que portanto precisamos aprender a suportar a ideia de que não vamos saber ou entender tudo. Isso também significa que a psicanálise privilegia muito mais as perguntas do que as respostas, pois são elas que nos inquietam e que nos levam adiante.

⁷ Acadêmico do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Estagiário do Núcleo de Psicanálise - (CEIP/UFSM). Bolsista PIBIC do Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Saúde (NEIS/UFSM) E-mail: davitrevizan.dt@gmail.com

A próxima transmissão freudiana é a ideia de pulsão. Esta noção se contrapõe ao conceito de instinto que é frequentemente usado pelo senso comum, pelas neurociências. A pulsão é entendida como um processo dinâmico constituído por uma força, fonte, meta e objeto (FREUD, 2013/1915). Dizendo de uma outra forma, ao descrever a sexualidade Freud nos diz que o objeto de uma pulsão é variável e escolhido a partir das vivências e das constituições específicas de cada sujeito (LAPLANCHE; PONTALIS; 1991). Já a ideia de instinto atribui uma meta e um objeto fixo a uma pulsão, o que é uma forma de ditar um padrão universal de comportamento para os humanos. Assim, optar pela pulsão em detrimento do instinto é também fazer uma escolha política. Porque pensar pela via da pulsão nos permite conceber que a sexualidade humana não é pré-definida, mas constituída ao longo da vida. E que não existe o certo e nem o errado quando se trata de sexualidade. Uma reflexão essencial para futuros psicólogos(as).

A teoria psicanalítica também nos indica a privilegiar a escuta em tempos onde não se procura ouvir. Ela valoriza as singularidades de cada sujeito, tornando cada caso uma experiência única. Outro ponto é que a psicanálise considera que o aparelho psíquico é extremamente complexo e, assim, evita-se fazer uso de uma mecanização da técnica, pois ela é adaptável aos mais diferentes contextos. Assim, Freud sintetiza com excelência as questões apresentadas acima:

A diversidade extraordinária das constelações psíquicas em questão, a plasticidade de todos os processos anímicos e a riqueza de fatores determinantes também se opõe a uma mecanização da técnica e permitem que um procedimento usualmente justificado por vezes se torne sem efeito, assim como um procedimento costumeiramente errôneo algumas vezes possa levar ao objeto esperado (FREUD, 2017, p.112).

É nesse sentido que a psicanálise se constitui como uma prática clínica que privilegia uma escuta singular, em que cada terapeuta tem o privilégio de poder escutar em cada sessão o que uma vida tem a dizer. Ela também oferece aos seus pacientes um espaço de fala, reflexão e ressignificação, em que o indivíduo pode experimentar as suas fraquezas, angústias, medos, desejos, traumas, alegrias, tristezas e pode vivenciar um processo de transformação de si, muito mais do que orientar-se para a busca de uma cura.

Apesar de tudo, a cura sempre tem um caráter de benefício [bien-fait] por acréscimo – como afirmei, para escândalo de alguns – mas o mecanismo (da análise) não é orientado para a cura como finalidade. Não digo nada que Freud já não tenha formulado poderosamente: toda inflexão em direção à cura como finalidade – fazendo da análise um meio puro e simples para um fim preciso – dá algo que estaria ligado ao meio mais curto e que só pode falsear a análise (LACAN, 1958, p. 309).

Outra transmissão presente é a ética de Freud, que ao constituir uma ciência a fez aberta às críticas, às novas formulações, aos novos conceitos, às novas interpretações e as diferentes situações sociais, geográficas, econômicas, políticas e culturais em que a prática terapêutica se situa. Em outras palavras, Freud nos diz de maneira implícita que a sua experiência está perpassada por uma época específica, em um contexto específico de uma sociedade específica. E que portanto, o que é dito é o que serve para esse contexto, mas não necessariamente servirá para outros. Se percebemos que muito do que foi dito ainda nos serve, é devido ao fato de Freud ter sido um autor magistral, muito à frente de sua época. Ainda assim, a cada atendimento a teoria psicanalítica é colocada à prova, podendo ser vista, revista ou adaptada.

Outra reflexão que temos a partir da psicanálise é a sua visão da patologia, que está entrelaçada com a esfera social (FREUD, 1930/2020). Esta ideia continua a ser desenvolvida no livro “Patologias do social: Arqueologias do sofrimento psíquico” (SAFATLE; JUNIOR; DUNKER, 2018). Em que os autores argumentam que cada época da história da humanidade determina como devemos narrar, reconhecer, exprimir ou silenciar o sofrimento psíquico. Em outras palavras, uma época histórica pode ser vista pelas patologias que são “permitidas” e as que são “invalidadas”. Por esse motivo é possível dizer que um sintoma ou uma patologia não possuem apenas uma dimensão clínica, mas também uma dimensão política, e é por isso que se fala em patologias do social.

Seguindo esse raciocínio, podemos pensar que a psicanálise pode também nos levar a refletir sobre a nossa sociedade. Nesse sentido, como estaria posto os modos de sofrimento da nossa sociedade? É o que encontramos ao ler o livro “Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico” (SAFATLE; JUNIOR; DUNKER, 2021). Nele é destacado que o sistema neoliberal descobriu que se poderia extrair mais produção e gozo das pessoas através do sofrimento. Por isso, o neoliberalismo se tornou um gestor do sofrimento psíquico, porque ele gera sofrimento ao mesmo tempo que o gerencia. Nesse sentido, vemos que a retirada intencional da psicanálise do DSM (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais) pela APA (Associação Americana de Psiquiatria), tem tudo a ver com a ascensão do neoliberalismo, cujos interesses passam pela confecção de doenças para as medicações que são produzidas. Assim, estudar psicanálise é nos adaptar a esse modelo, ao mesmo tempo que sabemos criticar e se posicionar contra essa lógica de funcionamento.

É a partir desse contexto que a Psicanálise também se constitui como uma

forma de resistência ao modelo de subjetividade neoliberal presente na contemporaneidade. Pois recusa-se a fornecer respostas simplistas a problemas complexos, problematiza os modelos prontos de sucesso, cura e felicidade e se posiciona criticamente às demandas de felicidade instantâneas. Além disso, joga contra a lógica de uma cura rápida, indolor e de fácil alcance. Por esses motivos, a Psicanálise se constitui, fora do ambiente clínico, como um posicionamento político que se recusa a ignorar as desigualdades sociais, econômicas e se posiciona a favor da livre sexualidade e da constituição de um sujeito reflexivo e ciente de sua própria história.

Voltando às universidades, percebemos que elas não estão imunes ao que acontece no mundo. Nesse sentido, vemos que os cursos de psicologia estão cada vez mais tecnicistas e conteudistas. Assim, decorar os conteúdos é mais importante do que formar uma visão crítica e reflexiva sobre eles. É nesse contexto que apresento o último apontamento do texto, o de que o ensino e a transmissão da psicanálise se configura como um verdadeiro pólo de resistência e reflexão presente nas universidades.

REFERÊNCIAS

- FREUD, Sigmund. As pulsões e seus destinos. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1915/2013.
- FREUD, Sigmund. Compêndio de psicanálise e outros escritos inacabados. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1940/2021.
- FREUD, Sigmund. Recomendações ao médico para o tratamento psicanalítico. In: FREUD, S. Fundamentos da clínica psicanalítica. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1912/2017.
- FREUD, Sigmund. O mal estar na cultura. In: FREUD, S. O mal estar na cultura e outros escritos de cultura, sociedade e religião. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1930/2020.
- LACAN, Jacques. intervenção na sessão de 5 de fevereiro de 1952 da Sociedade Francesa de Psicanálise: “Le rendez-vous avec le psychanalyste”, in La Psychanalyse, no 4, Les psychoses, PUF, 1958.
- LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. Vocabulário de psicanálise. 11ª ed. Santos: Martins Fontes, 1991.
- SAFATLE, Vladimir; JUNIOR, Nelson da Silva; DUNKER, Christian. Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.
- SAFATLE, Vladimir; JUNIOR, Nelson da Silva; DUNKER, Christian. Patologias do social: Arqueologias do sofrimento psíquico. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

AVENTURAS, ESPAÇOS E PONTOS DE INTERROGAÇÃO

*Rafael De Mamann Nascimento*⁸

Com a armadura limpa, o morrião feito elmo com viseira, pangaré nomeado, crismado a si mesmo e a dama apaixonante fantasiada, Dom Quixote de la Mancha deu início a sua aventura. Não é por acaso que me identifico com essa tamanha arquitetura dos passos a serem dados, já que o espaço que ocupo enquanto graduando me tensiona a sustentar certos questionamentos: Qual é o papel da psicanálise nas universidades (em especial a que faço parte)? Como ela circula politicamente nesse espaço? Quais são as (im)possibilidades de fazer frente a uma visível destituição da psicanálise? Possivelmente as minhas reflexões e associações não vão chegar a respostas concretas, mas a uma possibilidade de sustentar esses questionamentos. Ao invés da armadura, pangaré e uma dama, para a minha jornada eu emalo pontos de interrogação.

No breve escrito chamado *Transitoriedade*, Freud (2010/1916) descreve suas reflexões a partir de uma conversa que teve com um amigo poeta. O pai da psicanálise entende que o belo é belo por sua transitoriedade, a raridade do tempo torna algo valorizável. Esse texto me faz pensar os diferentes espaços que a ciência psicanalítica ocupou e ocupa na História, tanto nas instituições como fora delas. Me parece haver um tom cíclico na sua valorização, o que a torna bela. Ao deparar-me com a psicanálise e sentir o desconforto que ela proporciona, seja na própria análise, seja na sala de aula, percebi a sua função questionadora e subversiva. Questionar o que já está posto, ir além das barreiras conscientes e enfrentar os

gigantes do psiquismo (podendo ser apenas moinhos de vento), estabelece uma posição de ameaça.

Está dado, na cultura que vivemos, que o desconforto deve ser expulso, não há lugar para ele. Isso é apontado quando sentimos os espaços ocupados pela psicanálise na universidade serem sufocados. Mas é imprescindível ir além do que está culturalmente pré-estabelecido. Lidar com o “insabido” desse desconforto que a ciência freudiana nos proporciona, para mim, é poder criar narrativas que façam sentido. Circular uma representação que me faça encarar a realidade e dar borda a essa angústia. A tentativa de escrita como forma de existência é uma maneira de buscar compor os restos gerados a partir dos questionamentos que procuro sustentar.

Em que lugar quero chegar com essas reflexões? O que é um lugar? Aposto minhas fichas em que um ponto de interrogação seja a fronteira do espaço que busco explorar. Uma pergunta é um lugar que possibilita a transitoriedade. Buscar auxiliares para narrar a angústia de perceber os espaços diminuídos é um jeito de contemplar a riqueza do psiquismo. A literatura científica, com suas frases objetivas e encerradas num ponto final, não dão conta da beleza de nossa psique (Maurano, 2010). Dom Quixote, hoje, talvez seja meu Sancho Pança nas minhas ideias, o fiel escudeiro para construir novos questionamentos e que façam sentido para a minha formação.

Assim que Dom Quixote chegou àquelas montanhas, seu coração se alegrou, pois lhe pareceu o lugar certo para as aventuras que buscava. Vinham-lhe à memória os maravilhosos acontecimentos que sucediam aos cavaleiros andantes em semelhantes brenhas e solidões. Ia pensando nessas coisas, tão distraído e enlevado nelas, que não se lembrava de mais nada (CERVANTES, 2012/1605, p. 266).

⁸ Acadêmico do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Bolsista FIEX do Programa de Extensão “Núcleo de Psicanálise”, vinculado à Clínica de Estudos e Intervenção em Psicologia (CEIP) da UFSM. E-mail: rafael.dm-nascimento@gmail.com

O sentimento de um jovem graduando em psicologia em ocupar espaços voltados à psicanálise na universidade é de estar naquelas mesmas montanhas que o fidalgo espanhol chegou. Permite a possibilidade de olhar para o próprio desejo de buscar aprofundar-se na psicanálise. É desconfortável, angustiante e trabalhoso. Entretanto, promove um espaço propício para viver as aventuras que se busca. Descobre-se uma nova maneira de viver, uma maneira que eleva a minha própria construção de sujeito para algum questionamento. A circulação psicanalítica em espaços institucionais garante que há uma existência de formulações de perguntas, que são fundamentais para a manutenção de novos cavaleiros andantes, cada qual com suas singularidades.

O trecho me convoca, também, a de-
frontar-me com a solidão. Sentir o desmoronamento institucional de um espaço psicanalítico coloca-me face a face com uma pergunta que possui um semblante solitário: o quão importante é o respaldo institucional para a formação em psicanálise? Resposta para isso eu não tenho, porque a psicanálise vai além da psicologia, ela circula pela filosofia, medicina, letras, artes, literatura, cinema e outros espaços, não só dentro da universidade. Mas também há um descontentamento em perceber que há uma quebra de expectativa com o que foi imaginado previamente ao ingresso.

Porém, ao olhar para o lado e perceber que há questionamentos parecidos sendo feitos por outras pessoas, cada um com suas singularidades, dá uma dimensão coletiva de construção de um novo espaço. Agir para alicerçar uma (re)existência implica em um movimento feito entre pares. Dom Quixote teve somente Sancho Pança para enfrentar os moinhos de vento (podendo ser apenas gigantes). Porém, para formar-se, só mais um companheiro não serve.

O narrador da obra de Dom Quixote parece ser consciente das limitações que possui frente às aventuras do fidalgo. En-

tretanto, demonstra-se inconsciente das possibilidades de narrativas que proporciona serem criadas. A história apresenta um caráter revolucionário na literatura, sendo considerada o primeiro romance moderno da história. Assim como Dom Quixote, a psicanálise também é tida como um marco. Depois que Freud lançou *A interpretação dos Sonhos* (1900), o mundo nunca mais foi o mesmo, e principalmente as ciências psi tomaram um rumo diferente. A partir disso, os espaços já começaram a ser ocupados e questionados, mas ainda sim resistiu e hoje ainda resiste. Às vezes tida como louca, às vezes como supostamente a detentora do saber, essa é mais uma semelhança que a psicanálise compartilha com o aventureiro espanhol.

A psicanálise ter um espaço na universidade, com um respaldo institucional, contribui para uma aposta de transmissão. Estabelece uma circulação política de suma importância (sobretudo num território federal) para a formação dos acadêmicos. Porém, em sua falta não significa que ela deixará de existir, serão reinventadas novas formas de o saber psicanalítico circular, porque há em questão um fazer político-social envolvido, de alguma maneira. E uma garantia será encontrada no desejo do sujeito em buscar a psicanálise para além dos muros da universidade.

[...] a loucura pela identificação romanesca. Suas características foram fixadas para sempre por Cervantes. [...] As quimeras se transmitem do autor para o leitor, mas aquilo que de um lado era fantasia torna-se, do outro, fantasma; o engenho do escritor é recebido, com toda ingenuidade, como se fosse figura do real (FOUCAULT, 1978/1972, p. 43).

O trecho explicitado de Foucault relaciona a loucura de Dom Quixote para além das páginas de Cervantes, ele abriga essa condição quixoteana à luz da razão. O cavaleiro espanhol lê muitas histórias de outros aventureiros e toma os relatos como

verdade e se lança a sua própria jornada, toma a fantasia como fantasma. Recebe o engenho do escritor com toda sua ingenuidade. Mas o que mais me chama atenção é que essa sua loucura é representada na sua posição subversiva frente aos outros. A mesma posição que a psicanálise assume em alguns momentos. Dom Quixote vê um gigante num moinho de vento. A psicanálise questiona as barreiras do sabido.

A loucura de Dom Quixote também possui pinceladas idealistas. O fidalgo ao partir para suas aventuras idealiza que sejam tão grandiosas quanto as que o inspiraram nas páginas dos livros. Só que as idealizações são rompidas e ele é posto em uma posição de ter que se haver com isso. Quando observo o respaldo institucional impugnado pela universidade para com a psicanálise eu me deparo com a mesma posição do cavaleiro. Idealizações rompidas e uma convocação para criar a minha própria narrativa para bordejar essa louca angústia.

Diante de todos os questionamentos, reflexões e associações me encontro no espaço que imaginei chegar: o ponto de interrogação. Nenhuma resposta parece sanar essa inquietação, e possivelmente a psicanálise me empurra para esse desconforto. E, de frente para o cenário (des)montado, me pergunto: e agora?

REFERÊNCIAS

- CERVANTES, Miguel de. Dom Quixote. Penguin, 2012/1605.
- FOUCAULT, Michel. STULTFERA Navis. In: _____. História da Loucura na Idade Clássica. São Paulo: Perspectiva, 1978/1972, p. 7-51.
- FREUD, Sigmund. A Transitoriedade. In: _____. Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916). São Paulo: Companhia das Letras, 2010. 1916.
- MAURANO, Denise. Para que serve a psicanálise?. 3ª. ed. [S. l.]: Zahar, 2010.

ENTREVISTA COM O PSICANALISTA LUCIANO MATTUELLA⁹ (APPOA)

Fabício Meinerz Abdalla¹⁰

Rafael De Mamann Nascimento¹¹

Thales Lindenmeyer¹²

1. Parece importante localizar, dentro da temática geral, o lugar que estamos inscritos na instituição “universidade”: especificamente um espaço de estágio e extensão do curso de graduação em psicologia, com ações promovidas na clínica-escola do curso. Porém, a psicanálise (ou o que pode ser do trabalho e leituras em psicanálise) não se constitui em dependência de uma existência interna à essa graduação (embora essa ideia seja comumente construída). É possível pensar, então, que dentro da universidade a psicanálise estaria concordante com uma constituição mais própria de um pensamento interdisciplinar, justamente por trabalhar com interseções em outros ramos do conhecimento - Lembrando que Freud propôs discussões com a medicina e a biologia, e posteriormente Lacan avançou seu pensamento junto dos campos da Linguística, da Lógica e das matemáticas. Seu livro recentemente publicado, “Um itinerário íntimo pela psicanálise lacaniana”, parece dar notícias sobre o relançamento do desejo de constituir um percurso clínico que passe por espaços para além da área da psicologia. Assim, gostaríamos inicialmente de te escutar sobre como você percebe esse atrelamento ao campo psi e o impacto disso na constituição do espaço da psicanálise dentro das universidades.

Resposta: Ainda que no Brasil seja

⁹ Psicanalista. Membro da APPOA. Doutor em Filosofia (PUC-RS/Université de Strasbourg). Pós-doutorado: PPG Psicanálise - Clínica e Cultura (UFRGS).

¹⁰ Acadêmico de Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: fabriciom.abdalla@gmail.com

¹¹ Acadêmico de Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Bolsista FIEX do Núcleo de Psicanálise. E-mail: rafael.dmnascimento@gmail.com

¹² Psicólogo graduado pela UFSM. Extensionista no Núcleo de Psicanálise - CEIP/UFSM. Mestrando em Psicologia Social e Institucional na UFRGS. E-mail: thales.lindenmeyer@gmail.com

comum escutarmos sobre um receio da transmissão da psicanálise nas universidades, particularmente eu acredito que o espaço acadêmico pode ser muito frutífero tanto para o estudo quanto para a prática clínica psicanalíticas. Creio que, por muitas vezes, se confunda espaço com discurso. Ainda que certamente o ambiente universitário privilegie aquilo que Lacan chamava de “discurso universitário”, que tem o saber no lugar de agente, acredito que não se possa partir do princípio de que toda prática clínica e de transmissão que ocorra nas universidades esteja inscrita neste discurso. Pensar desta forma desconsidera os anos e anos de presença de psicanalistas nestas instituições, colegas que sustentam um importante trabalho referenciados à ética psicanalítica. A bem da verdade, me parece que quanto mais estamos distantes do setting analítico clássico, mais somos convocados a nos ocuparmos com o que seriam subversões possíveis dentro de espaços talvez enrijecidos pela lógica do capital e do tecnicismo. Portanto, sou partidário da ideia de que não só a psicanálise pode como deve estar presentes nas faculdades, justamente devido à sua dimensão crítica e sua instigação à reflexão acerca do fazer psi em suas mais variadas acepções. O risco de restringirmos a psicanálise às instituições psicanalíticas é precisamente o de compartilharmos o nosso trabalho apenas com colegas de área e, com isso, inflarmos a ideia de que a psicanálise é uma visão de mundo, algo que Freud sempre nos alertou a que tivéssemos cuidado. Supor que o mundo fale “psicanaliti-quês” parece um dos sintomas mais agudos dessa certa “fobia à academia” que temos visto ganhar corpo

nos últimos tempos no campo psicanalítico. Nem tudo o que se refere ao conceitual e ao saber precisa ter a marca do fechamento e apagamento da subjetividade - essa é uma concepção reducionista, do meu ponto de vista. Afinal, não há garantias que uma instituição psicanalítica opere toda ela o tempo todo dentro do discurso analítico, bem como também não podemos afirmar que não seja possível sustentar a ética da psicanálise dentro das universidades. É o que quero dizer quando falo que há uma confusão entre lugares (universidade, instituição analítica) com discursos (universitário, analítico). Uma forma que parece bastante eficaz de não cairmos nesta “psicanalização” do mundo é justamente estarmos abertos à multiplicidade de saberes que se constituem como formas de narrar e descrever a experiência humana. Aí entra em jogo o diálogo com a antropologia, a filosofia, a medicina, a psicologia, as neurociências, as teorias sobre gênero... enfim, com todos estes campos vizinhos que não necessariamente precisam ser “absorvidos” pela teoria psicanalítica, mas que já são de grande valia por explicitarem o quanto a psicanálise é uma - entre tantas - formas de se falar do humano. E qual melhor lugar para travar este diálogo se não a própria universidade? Não me refiro apenas à “escutar as críticas” vindas de outras áreas, mas também a reavivar algo que fez parte da trajetória do próprio Freud: a importância de sustentarmos a ética da psicanálise apesar de um contexto que cada vez mais reduz o trabalho clínico, nas mais diversas áreas, à sua aplicação técnica. Conseguir falar da teoria psicanalítica sem explicar os conceitos a partir de outros conceitos, gerando uma

câmara de eco, por exemplo, parece essencial neste sentido. No que se refere à transmissão de Lacan, me parece caber a todos nós lacanianos a tarefa de uma transmissão que esteja advertida dos perigos de se cair no “lacanês” que sirva apenas para referendar posturas instituídas e mesmo políticas de segregação sob a máscara de “rigor teórico”. Há uma distinção importante a ser feita entre rigor e rigidez. O rigor está no campo do “fazer a partir” (da inspiração lacaniana, por exemplo), a rigidez já diz do “fazer igual”, o que pode ser dessubjetivante.

2. O momento de encerramento das atividades do Núcleo de Psicanálise é atravessado por diversas questões, entre elas a sensação compartilhada de estranhamento frente a um suposto exercício de dismantelamento deste programa de extensão. Em uma conversa com o Núcleo, você trouxe provocações sobre quando o poder é estranhado, pontuando que a psicanálise habita o mesmo continente que a medicina e, portanto, também é um campo de exercício de poder. Seguindo os rastros da pergunta anterior, gostaríamos de escutar um pouco mais sobre como você articula a relação entre poder, instituição universitária e psicanálise.

Resposta: Acredito que seja bastante importante não esquecermos que uma das raízes epistemológicas, ou seja, um dos campos que estiveram na origem da psicanálise, é a medicina. Freud era médico, bem como vários de seus seguidores mais fiéis, como o próprio Lacan. Temos a tendência de ver a medicina como um espelho invertido da psicanálise, como uma imagem daquilo que não queremos operar em nosso trabalho clínico e de transmissão. Em certa medida, isso faz sentido. Entretanto,

acho que essa preocupação pode se transformar em uma espécie de repúdio que impede que nós estejamos atentos ao quê da prática médica, especialmente no que se refere ao exercício de poder, ainda está entranhando em nosso fazer, sem nos darmos conta disso. Como se ao nos dizermos tão distantes do campo médico acabássemos nos supondo “imunes” às suas incidências no nosso trabalho. Além disso, também podemos vir a cometer a falácia da generalização excludente: toda a medicina é uma prática de poder, logo toda a psicanálise não é. Isso produz alguns efeitos complicados como, por exemplo, nós psicanalistas não nos ocupamos o suficiente com o que significam em nossa própria prática algumas noções que vêm da medicina, como a ideia de cura e o aspecto terapêutico de uma análise, por exemplo. Talvez fosse mais interessante nos debruçarmos sobre algumas perguntas de forma menos receosa de estarmos sendo excessivamente “médicos” e, assim, podermos pensar alguns conceitos que herdamos desta área de forma mais generosa. Estamos bastante à vontade em aproximarmos a psicanálise da literatura, das artes e até mesmo da filosofia, por exemplo, como se assim estivéssemos resguardados de que a nossa clínica se torne uma instância de produção de alienação. Vejo esta questão de forma mais complexa. Somos todos sugestionáveis, a nossa posição com relação aos imperativos e às normas da cultura é de hipnose, afinal, somos subjetivados já dentro de um caldo cultural. O processo que se faz necessário é justamente o de estar advertido destas imposições culturais - a psicanálise é uma das formas de animar esta desalie-

nação, mas está longe de ser a única. Ou seja: nós sempre estamos e estaremos dentro de uma dinâmica de poder e de sugestão, esta é uma característica que nos é intrínseca enquanto sujeito falantes. Portanto, é claro que a universidade pode ser um reduto de reprodução de lógicas de poder, como o são todas as instituições. O que temos visto nos últimos tempos é um recrudescimento das dinâmicas de exercício de poder dentro das universidades, em especial nas particulares. Infelizmente, é o que parece que estamos testemunhando também na UFSM. Quando uma universidade produz um apagamento da psicanálise do curso de psicologia, está sendo complacente - mesmo que de forma inadvertida - com a manutenção do discurso do mestre, ou seja, com a produção de um discurso sem frestas, sem brechas... um discurso tautológico, que só fala consigo mesmo e que incentiva a manutenção das estratégias de segregação da cultura. É neste sentido que vejo com profunda tristeza o desmonte do Núcleo de Psicanálise da Clínica de Estudos e Intervenções em Psicologia. Quando um curso de psicologia esvazia as disciplinas e espaços com teor crítico, acaba fazendo de sua formação uma mera propagação das políticas de poder já instituídas e, mais ainda, reduz a dimensão ética do trabalho clínico à mera reprodução de uma técnica que não reflete acerca de suas matrizes epistemológicas.

3. Ainda com o tema do poder como fio condutor, gostaríamos de trazer uma questão sobre clínica e normalidade. Em seu texto “Você é normal?”, publicado na plataforma Sler, você apresenta uma discussão sobre algumas práticas terapêuticas serem orientadas por uma “adequação às demandas da cultura [...] sem questionar o quão violentas são essas demandas”. Levando em consideração que o campo de estágio específico com ênfase em clínica psicanalítica seguirá existindo no curso de Psicologia da UFSM, e a partir dos ocorridos estará também atravessado pela disputa entre diferentes concepções de sujeito e tratamento, que outras pistas você considera pertinentes para essa experiência de início de trabalho com uma escuta que não tem como objetivo a adaptação dos sujeitos?

Resposta: A nossa prática como psicanalistas visa não à produção de sujeitos revolucionários, mas sim à que possamos animar nossos pacientes a lerem a sua própria história de forma a estarem advertidos dos pontos de alienação que os inscrevem no discurso social vigente. É neste sentido que acho importante resgatarmos para a psicanálise o conceito de “normalidade”, ainda que, visto de forma rápida, isso pareça contrário à inspiração psicanalítica de tomar cada indivíduo em sua singularidade. O que proponho é que pensemos a normalidade não como um fim esperado de um tratamento, como o fazem algumas práticas clínicas atuais, mas justamente como um perigo sempre à espreita. Em uma sociedade em que a produtividade, a rapidez e a felicidade surgem como imperativos, estamos sempre sob o risco de que, ao buscarmos sermos “normais”, acabemos nos alienando a uma lógica em que nos reduzamos tão-somente a mera en-

grenagens para a manutenção do bom funcionamento da lógica do neoliberalismo. Ser normal, neste sentido, seria estar adaptado aos imperativos violentos que estão na base das dinâmicas de reconhecimento de nossa cultura. Portanto, acredito ser esperado que a prática psicanalítica seja profundamente não-adaptativa, no sentido de que mantenhamos a proposta de que aquilo que é singular não se esfaça sob a imperiosa demanda de sermos cada vez mais produtivos. É interessante, ainda que bastante triste, percebermos uma cada vez maior difusão de práticas clínicas que se propõem justamente como formas de adestramento e adequação dos indivíduos a estas demandas, sem que se questione o quanto estas mesmas são absolutamente desumanizantes. E aí dou mais uma volta na resposta à pergunta anterior, sublinhando o quanto é necessário que nos perguntemos a todo momento o quanto a nossa própria prática está advertida do horizonte cultural em que estamos inscritos. A redução da clínica a uma mera técnica - algo que está na base da fragilização da psiquiatria atual, aliás - faz do profissional um instrumento de alienação, o que está em pleno desacordo com o que se esperaria de nosso ofício, mesmo no campo da psicologia. Quando tomamos a queixa de um paciente somente a partir da sua dimensão de déficit com relação aos ideais culturais (“não sou tão produtivo quanto devia ser”, por exemplo), esquecemos que todo sintoma é uma forma de resistência a se identificar com o objeto dessubjetivado que supostamente responderia às demandas sociais. Ou seja, de que o sintoma neurótico é justamente uma forma de garantia de que a subjetividade está

ali, como insistência de não-alienação. Um curso de psicologia que não tematize estas questões acabam ignorando que a “escolha” por uma linha teórica não é somente uma decisão por uma técnica a ser seguida ou por autores a serem estudados, mas é também uma postura ética frente aos mecanismos de produção de sofrimento de uma época. Quando pautamos a nossa prática clínica por uma ou outra linha teórica, estamos também denunciando a nossa forma de entender o ser-humano e seus impasses frente à vida. Portanto, creio ser imprescindível que sustentemos a ética psicanalítica por todos os espaços em que circulamos enquanto profissionais, tanto mais quanto estes lugares estejam a serviço da manutenção das lógicas de violência e de apagamento da subjetividade.

O QUE SE FAZ COM OS RESTOS QUE FICAM?

Letícia Bueno Pires¹³

Incontáveis vezes tentei escrever sobre os atravessamentos institucionais e também sobre os meus afetos frente a uma ruptura tão marcante na minha vida como estudante. Diante dos meus olhos, vi cada espaço que eu ocupava sendo esvaziado e isso é doloroso para quem viu tantas pessoas circularem neste espaço formativo: o Núcleo de Psicanálise. Não se trata de uma “doutrinação” e, sim, das possibilidades de invenção e de intervenção que foram subtraídas de pacientes, de estudantes e de profissionais comprometidos, sobretudo, com princípios éticos. Compreendo que a psicanálise é vista como estrangeira pela instituição, já que não comunica de acordo com a lógica produtora da universidade.

Segundo a obra de Pereira (2016/2017), o estrangeiro perde a vida tentando fazer travessias e, utilizando como metáfora, sinto que o encerramento desse “estrangeiro” - Núcleo de Psicanálise - vem como uma forma de deixar um legado na direção de não esgotar a vida, de que se possam manter pulsante os movimentos de investimento na formação. Com os restos, conseguir criar recursos para respirar e resistir frente às tentativas de afogamentos, para que os sobreviventes que investiram tanto nesse Programa possam continuar empreendendo novas navegações em outras direções, que tornem esse percurso possível.

Estamos vivendo tempos sombrios, em que se faz visível um desmonte da educação e destituições de espaços vinculados à psicanálise, compreendo que a escrita parece possibilitar um lugar de voz às inúmeras tentativas de silenciamento

¹³ Acadêmica do Curso de Psicologia da UFSM. Bolsista *FIEX* do Programa de Extensão “Núcleo de Psicanálise”, vinculado à Clínica de Estudos e Intervenção em Psicologia (CEIP) da UFSM. E-mail: p.leticiahueno@gmail.com

que atravessam o fazer clínico e a formação acadêmica (SLAVUTZKY, 2021; SOUSA, 2021). Esse escrito é tido como um memorial. Inscrever e escrever histórias e trajetórias, compartilhar ações e reflexões dos tempos e dos espaços vividos, deixam registros, rastros e restos perpetuados na memória de quem navegou com seus barcos pelo Núcleo de Psicanálise. Além disso, os próximos estudantes poderão reconhecer as bordas e os litorais deste trabalho, por meio dos escritos deixados pelos últimos integrantes do Núcleo de Psicanálise.

Sobretudo, na tentativa de nomear o inominável, mal-estar é o que se produz tendo como últimas atividades - enquanto bolsista - realizar finalizações e encerrar o Programa de Extensão Núcleo de Psicanálise. Dói saber que tantos vínculos foram abruptamente rompidos. Dói encerrar uma história. O Núcleo transmitiu importantes contribuições da psicanálise, por meio de tantas e tantas trocas em seminários, jornadas, encontros clínicos, reuniões, boletins, discussões de caso, diálogos entre pares e construções de atividades teórico-clínicas por quase duas décadas de trabalho.

Mas, em meio há vários sentimentos que me mobilizam, deixo alguns dos questionamentos que perpassam a minha reflexão... o que se faz com os restos dessa história? O que se faz com o que fica? Para Marta Pedó (s.d.), a resposta é mais simples do que se imagina: “com os restos se constrói”. Nessa perspectiva, pode-se dizer que o ato de escrita é uma tentativa de representar os furos, as ausências, as faltas e os restos que (re)constróem as diversas narrativas singulares desta última navegação (PEDÓ, s.d.).

Ao pensar na travessia do Núcleo de Psicanálise e no meu percurso nesse espaço, é impossível não recordar do texto de Freud (1916/2010) “*A transitoriedade*”, em que ele declara que “o valor de transitoriedade é o valor de raridade no tempo”, mas é difícil compreender que a vida é movimento e efêmera, nada que se vive permanece. É isso que tenho sentido

nessa passagem. Por mais que o encerramento do Núcleo não tenha sido necessariamente uma escolha, é preciso compreender, enquanto uma sobrevivente, que o valor de tudo que se vivenciou até aqui está na possibilidade de ter (re)existido no tempo. E como tudo que é raro no tempo: tem fim. É transitório.

Além de todos esses atravessamentos subjetivos e institucionais, tenho a intenção de deixar registrado o meu profundo agradecimento aos estudantes e aos profissionais que tive a oportunidade de fazer trocas dentro e fora do Núcleo de Psicanálise. Indubitavelmente, as transmissões nesse espaço me possibilitaram descobrir indícios de por onde percorrer a minha trajetória acadêmica e profissional. E, cada pessoa que cruzou por mim, deixou marcas singulares que permitiram-me descobrir nas angústias e nas afetações que a psicanálise evoca.

Daqui, saio com o sentimento de que vivi as experiências mais significativas da minha formação acadêmica e que construí um percurso repleto de afetos e de afetações. Tudo foi vivido na raridade do tempo. Há coisas que não gostaríamos que tivessem fim. Porém, a beleza da vida é isto: a transitoriedade. É o que torna cada tempo e momento raro. Esta história se encerra, para que outras possam ser (re)construídas, com os restos que ecoaram dessa travessia.

Por fim, fim!

REFERÊNCIAS

- FREUD, Sigmund. A transitoriedade [1916]. Obras completas. Tradução e notas de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. v. 12, p. 248.
- PEDÓ, Marta. O que fazer com os restos? Uma abordagem psicanalítica. Informativo Falando Nisso. Unijuí. Ijuí [s.d.].

PEREIRA, Lucia Serrano. Naufragos e sobreviventes - inquietantes estrangeiros. Mal-estar em tempos sombrios, Porto Alegre, n. 51/52, p. 89-102, jun/jul. 2016/2017.

SLAVUTZKY, Abrão; SOUSA, Edson Luiz André de. Imaginar o amanhã: ensaios e crônicas. Porto Alegre: Diadorim Editora, 2021.

ACONTECEU EM 2022

**PROJETOS DE EXTENSÃO:
“ATENDIMENTO E TRATAMENTO
PSICOLÓGICO À COMUNIDADE”**

Este projeto teve uma importante função nos últimos anos, tendo em vista o cenário produzido pela pandemia do Covid-19, que fez com que os atendimentos psicológicos na CEIP precisassem ser reestruturados, e os estágios específicos suspensos por um período. Assim, alguns dos pacientes da CEIP foram acolhidos pelo projeto de extensão em questão, no formato de atendimento clínico remoto. Além disso, tivemos a continuidade das reuniões quinzenais que tinham o intuito de realizar movimentos de “intervisão” entre os psicólogos extensionistas e a psicóloga responsável pelo projeto. É importante salientar que, com o encerramento do Núcleo de Psicanálise, todos os pacientes que estavam sendo atendidos precisaram ser encaminhados para outros serviços e/ou espaços, seja dentro ou fora da universidade. Diante das atividades promovidas percebe-se que o Projeto “Atendimento e tratamento psicológico à comunidade” do Núcleo de Psicanálise construiu espaços potentes para a circulação da psicanálise na universidade, contribuindo na formação e percurso de acadêmicos e profissionais formados pela UFSM, proporcionando saúde mental para a comunidade atendida e fomentando conhecimento e saberes a partir dos escritos compartilhados nesta edição do boletim.

“EVENTOS CLÍNICOS”

**15º ENCONTRO CLÍNICO - “SOBRE
A PSICOPATOLOGIA DO PEDÓFILO:
DESAFIOS À CLÍNICA PSICANALÍTICA”**

No dia 15 de julho de 2022, ocorreu o 15º Encontro Clínico intitulado “Sobre a psicopatologia do pedófilo: desafios à clínica psicanalítica”, no auditório do Centro de Ciências Sociais e Humanas (CCSH) da UFSM. Este evento foi conduzido pelo psicanalista Norton Dal Follo da Roza Jr., presidente da Associação Psicanalítica de Porto Alegre (APPOA), e na ocasião realizou o lançamento do seu livro “Ensaio sobre as pedofílias” (Escuta). O evento contou com a participação expressiva de psicólogos, psicanalistas e estudantes da cidade de Santa Maria e região, tendo 102 participantes presentes no dia. O 15º Encontro Clínico, foi um momento muito importante para a comunidade e para o Núcleo de Psicanálise, já que foi o primeiro encontro clínico realizado após o período de isolamento provocado pela pandemia da Covid-19. Além disso, Norton narrou algumas experiências que foram transmitidas em seu livro que estava sendo lançado, de forma a promover o debate acerca da condução clínica do analista nos casos que envolvem a perversão e a pedofilia. A promoção do encontro deu-se pelo desejo de promover um evento presencial, aliada à demanda dos estagiários do Núcleo de Psicanálise, que estavam imersos nos estudos sobre as estruturas psíquicas.



ESPAÇOS DE ESTUDOS:**SEMINÁRIOS TEÓRICO-CLÍNICOS**

No decorrer deste ano, foram organizados Seminários Teórico - Clínicos, destinados aos estagiários e extensionistas do Núcleo de Psicanálise, bem como foram abertos à participação de estudantes do Curso de Psicologia. Os encontros ocorreram no prédio 74-B, no Centro de Ciências Sociais e Humanas da UFSM. Do dia 24 de maio de 2022 até 12 de agosto de 2022 esses espaços foram sustentados pelo desejo e implicação dos estagiários, em parceria e troca com os profissionais convidados. Cada encontro contou, em média, com 20 a 25 participantes presentes. Abaixo, a programação das atividades que ocorreram no decorrer de 2022:

DATA	TÍTULO	PROFISSIONAL CONVIDADO
24/05/22	"Psicopatologia em Psicanálise"	Luís Fernando Lofrano de Oliveira
14/06/22	"Da histeria: estrutura e discurso"	Marcos Pippi
21/06/22	"Impasses do desejo: a neurose obsessiva"	Walter Cruz
07/07/22	"Fobia: estrutura e clínica"	André Costa
12/08/22	"Outras linguagens: as psicoses na clínica psicanalítica"	Iza Maria Abadi de Oliveira

PARTICIPAÇÕES EM EVENTOS:**37ª JORNADA ACADÊMICA INTEGRADA (JAI)**

Em 09 de novembro de 2022, os bolsistas do programa FLEX, Letícia Bueno Pires e Rafael De Mamann Nascimento apresentaram trabalhos na 37ª JAI - UFSM representando o Núcleo de Psicanálise. As produções foram intituladas, respectivamente: "Boletim (In)Formação: a escrita como ato político e testemunho da história da psicanálise dentro da universidade pública" e "O papel da psicanálise na UFSM: (im)possibilidades e re(exi)stências", ambos orientados pela psicóloga Aline Bedin Jordão. O primeiro foi apresentado no formato de banner e teve como objetivo refletir com a comunidade acadêmica e externa sobre como a escrita pode possibilitar um lugar de voz às tentativas de silenciamento que atravessam o fazer clínico e a formação acadêmica. Já o segundo foi apresentado oralmente e teve o intuito de sustentar alguns questionamentos de como a psicanálise circula na UFSM, além de buscar refletir o papel que o Núcleo de Psicanálise ocupa nesse cenário, costurando as interrogações com a obra "Dom Quixote" de Miguel de Cervantes.

JORNADA CLÍNICA DA APPOA: DIMENSÕES DA LINGUAGEM

Nos dias 18 e 19 de novembro de 2022 ocorreu, na cidade de Porto Alegre (RS), o evento da Jornada Clínica da APPOA: Dimensões da linguagem. Os bolsistas Letícia Bueno Pires e Rafael De Mamann Nascimento e os extensionistas Thales William Borges Lindenmeyer, Hallana Höher Bohrer, Diego Alves Lemos e Fabrício Meinerz Abdalla participaram do evento. A jornada circulou questionamentos e saberes de uma maneira politicamente ativa, além de proporcionar a reflexão da dimensão que a linguagem toma e é tomada pela ética psicanalítica num contexto social.

IX FÓRUM REGIONAL PERMANENTE DE EXTENSÃO

O Núcleo de Psicanálise foi representado pelos bolsistas Letícia Bueno Pires e Rafael De Mamann Nascimento, e também pela Psicóloga Aline Bedin Jordão no IX Fórum Regional Permanente de Extensão – Edição Campus Sede, organizado pela UFSM e realizado no dia 29 de novembro de 2022. Este evento acontece todos os anos na Universidade e em todos os campi. Nesta ocasião a temática discutida foi “ODS Educação de Qualidade”, tendo como Palestrante Gisele Bauer Mahmud - Superintendente Pedagógica da Secretaria de Município da Educação de Santa Maria - Pedagoga - Especialista em Psicopedagogia e Gestão Escolar e ocorreu no Auditório Wilson Aita - Centro de Tecnologia.

Alime Jordão

Ana Carolina M Tombara

Dani Trevisan

Fabício Meinert

Guilherme Pomarques

Isabela Melo

Leticia Bruno

Rafael Nascimento

THAZES LINDENMEYER

InFormação